

03 – A civilização egípcia

O historiador grego Heródoto escreveu que "O Egito é um presente do Nilo". De fato, a região é desértica, e se não fosse o Rio Nilo atravessá-la, não teria sido ocupada pelo homem.

O Rio Nilo nasce no Lago Vitória e depois de percorrer 5 600 quilômetros desemboca no Mar Mediterrâneo.

As cheias do Nilo decorrentes das chuvas equatoriais e do derretimento das neves das montanhas da Etiópia se iniciam em julho e vão até novembro. Nesse período, o rio transborda e deposita em suas margens o lodo e o limo que possibilitam o aproveitamento agrícola da região. A fertilidade é grande, proporcionando até três colheitas por ano.

Os egípcios tinham uma maneira própria de enxergar a vida e o mundo.

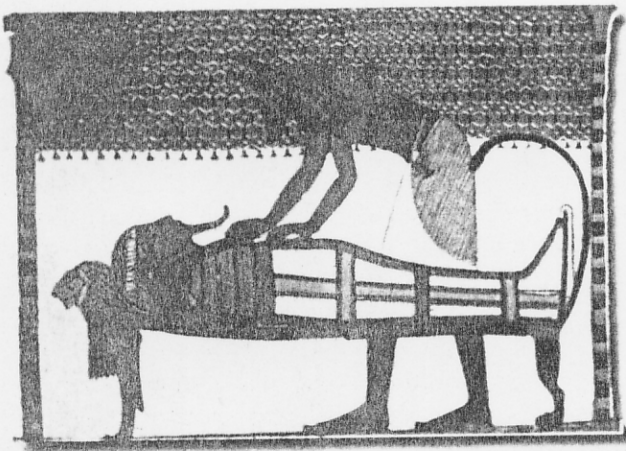
"Na raiz dessa visão de mundo está sua maneira de compreendê-lo: a realidade é tida como estática, fixa e imutável desde o ato inicial da criação, guardando sempre as características originais. A única forma de mudança é cíclica, mas as fases do ciclo, que se renovam continuamente, são também imutáveis. Qualquer mudança não é só aparente, e portanto irrelevante. Desse ponto de vista, a ordem social é parte da ordem cósmica decretada pelos deuses.

Outra concepção básica da cultura egípcia é a convicção da vida eterna que se segue à morte, e a sua preocupação com essa sobrevivência do espírito..."

JAGUARIBE, Helio. *Um estudo crítico da história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. v. 1, p. 148.

Observe que o Egito Antigo se desenvolveu em uma área comprida (cerca de mil quilômetros) e estreita (no máximo 30 quilômetros).





A religião desempenhou um papel fundamental na civilização egípcia. A crença na outra vida levou-os a preservarem os corpos.

ECONOMIA E SOCIEDADE

A economia egípcia baseava-se na **agricultura** e na **pecuária**.

Cultivavam cevada, trigo, árvores frutíferas, especialmente a vinha, e os mais diversos legumes. Criavam bois, asnos, porcos, carneiros, cabras, gansos, patos e, após a invasão dos hicsos, cavalos. A caça e a pesca eram largamente praticadas.

Havia um comércio interno bastante desenvolvido, apesar de a inexistência de moedas dificultar as transações. O comércio com o exterior era fraco, pois dependia essencialmente do faraó.

O Estado egípcio era o proprietário dos meios de produção, incluindo terras e instrumentos de trabalho.

Os camponeses, organizados em comunidades, aldeias, recebiam terras para o cultivo, pagando pelo uso, entregando parte da produção e trabalhando nas grandes obras públicas (construção de uma pirâmide, por exemplo).

Os excedentes ficavam com o faraó. A distribuição não era igualitária. A fatia maior ficava com os altos funcionários, sacerdotes, escribas, militares e artesãos qualificados. Por último, era distribuída a ração aos trabalhadores braçais.

É evidente que o Antigo Egito, durante seus três mil anos de história, sofreu mudanças. Houve épocas em que o poder estava fragmentado, daí as variações regionais. Os templos também foram se tornando poderosos, detendo muitas vezes a hegemonia na estrutura estatal. Apesar da pouca documentação, há indícios de um setor privado na economia, especialmente durante o Novo Império.

A sociedade egípcia era estratificada. Havia uma camada superior formada pela família do faraó, a nobreza, altos funcionários, militares e sacerdotes graduados. Havia uma camada intermediária constituída por escribas, comerciantes, artesãos e sacerdotes. Uma camada baixa era constituída por camponeses e trabalhadores braçais e por último

vinham os escravos, em geral, prisioneiros de guerra. A mobilidade social era difícil, pois percebe-se pela documentação existente que alguns tipos sociais eram dominados pela hereditariedade. Em algumas tumbas, havia inscrições funerárias que exaltavam com orgulho os progressos sociais que o morto tivera na vida.

A família teve um papel relevante na sociedade egípcia, valorizando sobremaneira os laços de consanguinidade. Predominava o **casamento monogâmico**; porém, faraós e nobres possuíam muitas vezes mais de uma esposa. Alguns mantinham haréns. Na verdade, um homem podia ter quantas esposas pudesse sustentar. O comum, porém, era a família tradicional, pai, mãe e filhos. Na família do faraó, era comum o casamento entre irmão e irmã.

A **mulher egípcia**, se compararmos com outros povos da Antiguidade, e mesmo no mundo ocidental até fins do século XIX, gozou de ampla liberdade. Ao se casar, tornava-se "a senhora da casa", podia ter propriedades, fazer testamento e, em certos casos, pedir o divórcio. O adultério era punido com a morte, porém raramente isto ocorria, pois o perdão do ofendido evitava a pena máxima. Pela documentação existente, esta prática era comum.



Algumas mulheres egípcias tornaram-se poderosas; casos, por exemplo, de Hatchepsut, Nefertiti e Nefertari. Akenaton (à direita) com Nefertiti e suas filhas.

POLÍTICA

O Estado egípcio era uma monarquia despótica de origem divina. Considerado a encarnação do deus Hórus, o monarca deveria assegurar a continuidade entre o divino e o humano, o cósmico e o social.

Se o faraó era considerado um deus, por que revoltas, usurpações, complôs e assassinatos de monarcas?

Isto leva-nos a relativizar o papel da ideologia como asseguradora da estabilidade egípcia. Em muitos casos, a ambição falou mais alto, o que prova que nem todos acreditavam piamente nas explicações religiosas do mundo.

QUADRO POLITICO

3300-3100 a.C.

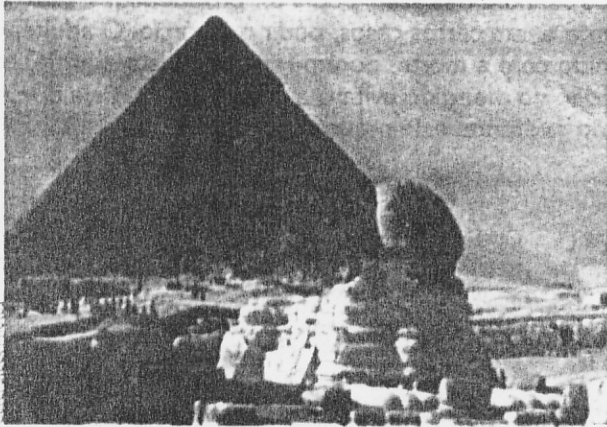
Nesse período, ocorreu a formação do Reino do Alto e do Baixo Egito. Por volta de 3100 a.C., **Menés** ou **Narmer** (alguns acreditam que seria a mesma pessoa) unificou o Egito.

3100-2780 a.C. – Período Tinita

A capital ficava em Tínis. Desenvolvimento da escrita e organização da realeza.

2780-2400 a.C. – Antigo Império

Período áureo da história egípcia. Poder centralizado. Grandes construções (na terceira dinastia a pirâmide escalonada do rei Djoser em Sacarah e, na quarta dinastia, as grandes pirâmides da planície de Gizé: **Quéops**, **Quéfren** e **Miquerinos**). Expedições militares e econômicas foram enviadas à Núbia. A capital ficava em Mênfis.



A esfinge, ao que parece, foi construída no reinado do faraó Quéfren.

2400-2065 a.C. – Primeiro Período Intermediário

Período pouco conhecido. Com certeza, ocorreu a decadência do poder real com a conseqüente fragmentação política.

Alguns textos indicam que houve no período graves convulsões sociais.

2065-1785 a.C. – Médio Império

Capital Tebas. O governante tebano Mentuhotep conseguiu restabelecer a ordem. Período de prosperidade. Aumentaram as relações externas.

1785-1580 a.C. – Segundo Período Intermediário

Paulatinamente, o Egito foi conquistado pelos **hicsos** (palavra que significa *chefe de país estrangeiro*), que possuíam carros de combate e armas de bronze. Transformaram Ávaris, no Delta do Nilo, em capital.

O Egito nesse período ficou dividido em três partes: o Baixo Egito, diretamente governado pelos hicsos, o Alto Egito, independente, mas pagando tributos aos invasores, e a Núbia, com um governo próprio.

1580-1200 a.C. – Novo Império

Período caracterizado pelo militarismo e pelas conquistas, especialmente no reinado de **Tutmés III** (1504-1450 a.C.). Após **Ramsés II** (1298-1235 a.C.), iniciou-se uma longa decadência.



Tutancâmon foi um faraó obscuro que governou após a fracassada revolução religiosa de **Amenófis IV**. Tornou-se famoso porque a sua tumba foi descoberta em 1922.

A DECADÊNCIA

Por um longo período, o Egito teve governantes fracos, até que o país acabou sendo conquistado pelos assírios em 671 a.C.

A expulsão dos assírios possibilitou um curto reflorescimento da civilização egípcia, chamado de **Renascimento Saíta**, por ser Saís a capital. **Psamético I** foi um brilhante guerreiro e administrador e seu filho **Necau** realizou, com a ajuda de marinheiros fenícios, o contorno do continente africano.

Em 525 a.C., o Egito caiu sob o domínio persa; em 332 a.C., foi conquistado por Alexandre da Macedônia, para, no século I a.C., cair sob dominação romana.

Quais as razões da decadência da civilização egípcia?

As conquistas quebraram o isolamento egípcio fazendo com que novas concepções e idéias florescessem. O aumento do prestígio dos sacerdotes de **Amon** rivalizando-se com o faraó, as constantes usurpações do trono e o desaparecimento da natureza divina do monarca foram alguns dos fatores que levaram à erosão da ordem egípcia.

A RELIGIÃO

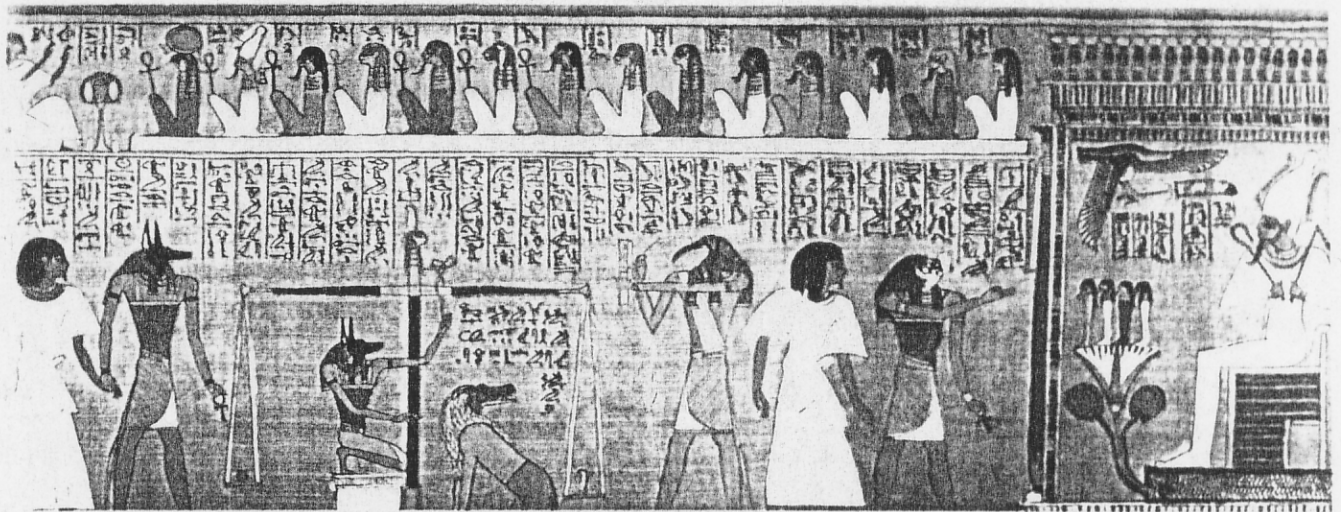
Os egípcios possuíam três mitos para explicar a criação do mundo. O mais influente desenvolveu-se em Heliópolis.



“Segundo o mito, ‘no começo’ não existia nada, somente **Nun**, ‘o oceano primordial’, do qual surgiu uma montanha e, nela, a deusa **Atum**, ‘o completo e autocriado’. Do seu sêmen, ele criou o deus **Shu** ‘a atmosfera’, e por ela uma mulher, a deusa **Tefmit**, ‘a umidade’.

O casal deu à luz **Geb**, ‘a terra’, e **Nut**, ‘o céu’, que se tornaram pais de dois casais de deuses: **Osíris** e sua mulher, **Ísis**; **Seth** e sua mulher **Neftis**...”

BAKOS, Margaret Marchiori; BARRIOS, Achiana Masciadri. *O povo da esfinge*. Porto Alegre: EDUFRGS, 1999. p. 14.



Os egípcios acreditavam na vida depois da morte. A cena extraída de um papiro retrata um julgamento no Tribunal de Osiris. O deus Osiris está sentado no trono. O coração do defunto é pesado. O condenado era entregue ao devorador; o justificado era levado por Horus a Osiris e viveria eternamente.

Mais tarde, Seth matou seu irmão Osiris. O corpo destroçado foi espalhado por vários lugares. Ísis, irmã e esposa de Osiris, encontrou os pedaços e reconstituiu o corpo do marido, que foi embalsamado. Mesmo morto, Osiris engravidou Ísis, que deu à luz Hórus. Osiris simboliza a ressurreição da vida.

Pela cosmogonia de Hermópolis, destacou-se Amon, o deus oculto. Já pela cosmogonia de Mênfis, Pta, o deus da criação, criou o homem com argila. Pta foi sucedido por Rá, o sol, que dissipou as trevas. Em Tebas, desenvolveu-se a trindade: Amon, Rá e Pta.

Acreditava-se que a alma ao ser absolvida voltava para o corpo, daí a necessidade de embalsamá-lo para mantê-lo conservado. Para ajudar as almas em sua peregrinação ao mundo dos mortos, eram depositadas nos túmulos cópias do Livro dos Mortos.

Em síntese: a religião egípcia era politeísta; predominava o culto sobre a doutrina, havia uma grande quantidade de deuses locais e um enorme apego à tradição.

Amenófis IV rompeu com isso, instituiu o culto a Aton (representado pelo disco solar) e proibiu os demais cultos. Mudou o seu nome para Aquetaton (servidor de Aton) e mudou a capital para Aquetaton (horizonte de Aton). Amenófis IV fez a reforma religiosa por convicção ou para diminuir o poder do clero tebanos? Não se sabe exatamente.

O que sabemos é que sua revolução religiosa fracassou e o politeísmo foi restabelecido.

A ESCRITA

Os egípcios adotaram várias formas de escrita. Os hieróglifos (do grego: "sinais sagrados") eram utilizados nos monumentos. Continham sinais representando sons e desenhos

representando idéias. A escrita hierática (do grego: "sagrada") era usada para escrever sobre o papiro; a demótica (do grego: "popular") era um aperfeiçoamento da hierática. Em 1822, o francês Jean-François Champollion decifrou os hieróglifos.

AS ARTES

As artes, no Egito Antigo, estiveram associadas às concepções religiosas e ao poder do faraó.

A arquitetura caracterizou-se pela monumentalidade e solidez. Destacaram-se as tumbas: pirâmides, mastabas (base retangular e teto plano) e hipogeus (cavados na rocha). Vale citar os templos de Lúxor e de Karnac.

Nas esculturas, observamos o convencionalismo e a rigidez, enquanto na pintura havia carência de perspectiva, cabeças, pernas e pés de perfil, olhos e tronco de frente.



Escrita egípcia



Pintura egípcia





Corel Stock Photos

Escultura egípcia

CIÊNCIAS

A **Matemática** se desenvolveu graças às necessidades de controlar as inundações do Rio Nilo. Muitas vezes as demarcações eram arrancadas.



“... Era necessário que o faraó enviasse inspetores para refazer tais medidas; foi assim que surgiu a Geometria que significa literalmente ‘medição de terras’.

Os egípcios sabiam calcular a área do triângulo, do retângulo e do trapézio. Alguns pesquisadores sugerem que, para construir algumas de suas edificações, eles necessitavam conhecer o valor Pi (π), ou seja, a razão entre a circunferência e seu diâmetro. Chegaram a um valor próximo a 3,16..., que, em confronto com o valor atual de 3,14..., representa uma aproximação excelente.”

MOCELLIN, Ronei Clécio. *Breve história da ciência*. Curitiba: Nova Didática, 2000. p. 11.

Exercício 01. I. Durante o Antigo Império (3200 a 2000 a.C.), a teocracia se instituiu e o faraó era considerado filho do deus sol (Rá). Os felás, trabalhadores camponeses, tinham uma importante participação na economia. Este período é o de grande esplendor no Egito, e a época das grandes construções, como as pirâmides. II. Deve-se destacar que além da fertilidade propiciada pelo rio, foi necessário o trabalho humano para que ocorresse o desenvolvimento da civilização egípcia. III. A religião e o Estado estavam intimamente ligados no Antigo Império e o faraó era o chefe religioso e político. Amenófis IV comandou uma reforma

Atividades

monoteísta, comandando o culto ao deus Aton, representado pelo disco solar. IV. A civilização egípcia viveu sua decadência com o domínio romano no século I a.C. Antes disso, já tinham sido dominados por assírios, persas e macedônios.

01. (PUCPR) – Sobre a civilização egípcia, é correto afirmar:

- I. Tínis e Mênfis foram capitais do Antigo Império, caracterizado no geral pela paz, teocracia nas primeiras dinastias e construção das grandes pirâmides de Gízé, das quais a de Quéops é o maior destaque.
- II. A civilização egípcia pôde desenvolver-se no nordeste africano graças ao Rio Nilo, que proporciona inundações anuais. A dependência da vida do Egito

O costume de mumificar os corpos contribuiu enormemente para os progressos da medicina egípcia. Operações complexas e tratamentos para doenças, como cólera, lepra, varíola e pneumonia, são comumente referidos nos papíros médicos egípcios.

Graças às observações astronômicas, sacerdotes egípcios elaboraram um calendário solar, de 365 dias, com 12 meses de 30 dias e mais 05 dias adicionais no final do ano. Também os romanos adotaram este calendário.



DOCUMENTO

O embalsamamento de rico – “Primeiro, com a ajuda de um ferro curvo, extraem o cérebro pelas narinas (...) Em seguida, com uma pedra (...) cortante, fazem uma incisão no flanco e retiram os intestinos, que limpam e purificam com vinho de palmeira e purificam uma segunda vez com arômatas moídas. Depois enchem o ventre de mirra pura trituração, de canela e de todos os outros arômatas, com exceção do incenso, e cosem. Feito isso, salgam o corpo, cobrindo-o de natrão (carbonato de sódio natural) durante setenta dias. (...) Lavam o corpo, enrolam-no todo em faixas de linho fino, com uma camada de borracha (como cola). (...) Metem o morto num estojo de madeira em forma de figura humana (...) que guardam no interior de uma câmara funerária (...)”.

O embalsamamento de pobre – “Desinfetam os intestinos (...) metem-no no sal durante setenta dias; entregam o corpo”.

HERÓDOTO. *Histórias*. Adaptado

para com o grande rio foi resumida por Heródoto, “Pai da História”, na frase: “O Egito é um dom do Nilo” ou “o Egito é uma dádiva do Nilo”.

- III. A religião foi o elemento cultural que mais atuou na vida do povo egípcio, embora fosse politeísta, exceto no período do Novo Império, quando ocorreu a revolução ou reforma de Amenófis IV. Esse faraó estabeleceu o culto monoteísta de Aton, simbolizado pelo disco solar.

04 – Civilizações: hebraica, fenícia e persa

HISTÓRIA HEBRAICA

Canaã, cujo significado é "Terra de Púrpura", foi a área geográfica onde se desenvolveu a civilização hebraica. Foram os gregos que chamaram a região de **Palestina**, do nome dos filisteus (*philistinos*) que ali viviam desde o século XIII a.C.

O território da Antiga Palestina se compunha de uma estreita planície fértil próxima do **Mediterrâneo**, uma zona montanhosa e árida por onde corre o **Rio Jordão**, que desemboca no **Mar Morto**, e dois planaltos semi-áridos que precedem a **região desértica**.

Apesar do clima rude e do solo pouco fértil, a região está situada na intersecção das grandes vias de comunicações e quase sempre esteve espremida, quando não dominada, pelos grandes impérios vizinhos.

Qual a origem dos hebreus?

Os primeiros hebreus eram nômades, viviam do pastoreio, eram semitas, deixaram Ur, na Mesopotâmia, por volta de 1800 a.C. e depois de muitas peripécias se estabeleceram em Canaã. Segundo a Bíblia, quem conduziu os hebreus nessas peregrinações foi **Abraão**.

Os hebreus foram influenciados pela civilização mesopotâmica, depois tiveram de lutar e também sofreram influência dos povos que viviam em Canaã. Estavam divididos em clãs, criavam ovelhas, cabras e burros. A sociedade era patriarcal e as diferenças sociais eram mínimas.

Quando os hicsos invadiram o Egito, por volta de 1730 a.C., tribos semitas ali se estabeleceram. **José**, filho de **Jacó**,

que foi vendido pelos irmãos a mercadores egípcios, graças à proteção de **Yahweh** (Javé), gozava de grande influência perante o faraó, o que facilitou a instalação dos hebreus no Egito, já que a Palestina passava por um período de seca.



Israel na Antiguidade

Quando os hicsos foram expulsos, os faraós do Novo Império passaram a perseguir os hebreus. Neste contexto, Moisés surgiu como o libertador, conduzindo o seu povo na travessia do Mar Vermelho, perambulando pelo deserto durante quarenta anos e recebendo de Yahweh (Javé) os Dez Mandamentos.



Moisés, segundo Michelangelo

Sobre esse período da história hebraica, dependemos quase que exclusivamente das narrativas bíblicas. De outras fontes (especialmente egípcias) temos informações de que os hebreus estiveram como escravos no Egito, porém nada temos sobre o processo de libertação nem sobre a maneira como Canaã foi reconquistada.

À medida que as tribos iam aumentando populacionalmente, que as necessidades materiais e militares iam se avolumando e que a sociedade ia se tornando mais complexa, a ordem patriarcal foi se tornando obsoleta, daí a necessidade de uma certa centralização política e militar. Neste contexto, surgiram os **Juizes**, que eram comandantes militares escolhidos pelas tribos. O último, **Samuel**, escolheu **Saul** como primeiro rei. Nascia assim a monarquia hebraica.

Saul morreu na batalha de Gilboa (1002 a.C.), enfrentando os filisteus. Depois de uma curta luta pelo poder, **Davi** tornou-se rei. Em seu reinado, conquistou Jerusalém, derrotou as nações vizinhas e reconstruiu o antigo santuário. Seu filho **Salomão**, que governou de 961 a 922 a.C., instituiu um Estado centralizado, forte e próspero.

Após a morte de Salomão, seus filhos dividiram o poder, ocorrendo dessa forma o cisma: **Reino de Israel**, com capital em Samaria, e **Reino de Judá**, com capital em Jerusalém. O Reino de Israel foi conquistado pelos assírios em 722 a.C., e o Reino de Judá sucumbiu diante dos babilônicos em 587 a.C.

Do cativeiro babilônico, os judeus foram libertados por **Ciro**, rei dos Persas, o qual permitiu que os judeus voltassem a Canaã e reconstruíssem o Templo de Jerusalém.

Em 332 a.C., **Alexandre da Macedônia** conquistou a região; porém, continuou a política persa de tolerância religiosa. Isto fez com que muitas idéias gregas fossem absorvidas pela cultura hebraica.

Mesmo após a morte de Alexandre, a política dos reinos helenísticos continuou sendo de tolerância. Isto acabou com **Antíoco IV** (175-164 a.C.), gerando diversas revoltas, como a bem-sucedida rebelião religiosa dos **macabeus** que possibilitou a independência política de Israel.

Em 63 a.C., a região foi conquistada pelos romanos, que nomeavam monarcas judeus para administrá-la e eram extremamente tolerantes em termos religiosos.

A política romana de culto ao Imperador e o aumento da influência de grupos radicais fanáticos, especialmente os **zelotes**, fizeram com que o conformismo dos dominados e a tolerância dos dominadores chegassem ao fim. Tito, filho do imperador Vespasiano, arrasou Jerusalém (ano 68 d.C.) e instaurou o domínio militar sobre a Judéia. Mesmo assim, manteve a liberdade de culto dos judeus.



O Arco de Tito em Roma foi construído para celebrar a vitória sobre os judeus. Observe o candelabro de sete braços levado por cativos judeus vencidos por Tito.

Mais tarde, no reinado de Adriano, no ano de 136, uma nova rebelião foi sufocada e os judeus foram proibidos de entrar em Jerusalém. Foi a chamada **diáspora** (dispersão dos judeus pelo mundo).

O LEGADO HEBRAICO

O principal legado da civilização hebraica, sem dúvida, foi no terreno religioso.

A crença em **Deus Uno, Soberano, Transcendente e Bom** fez a religião hebraica superior em termos éticos e morais, em comparação com as outras religiões do Antigo Oriente.

O ponto fundamental e decisivo na história hebraica foi a aliança entre Deus e o povo de Israel. Deus revelava a Lei e o povo deveria obedecer-lhe. Só que Deus, na sua infinita bondade, dava a este povo a liberdade, inclusive de desafiar a este próprio Deus, daí as atribulações vividas por estes filhos rebeldes.

No decorrer da história, a religião hebraica foi sofrendo influências e teve de se debater com os mais diversos desvios.

A idolatria teve de ser combatida diversas vezes. Os desvios foram denunciados claramente pelos profetas que preconizaram castigos terríveis pelas constantes desobediências desse povo que teimava em romper o pacto com Deus. Amós, Isaías e Jeremias fizeram sérias advertências e previram a ruína de Israel.



"Eu vos enviei uma peste como a do Egito; matei pela espada os vossos jovens, enquanto os vossos cavalos eram capturados; fiz subir às vossas narinas o mau cheiro de vossos acampamentos, mas não voltastes a mim!

Oráculo de lahweh.

Eu vos derrubei como Deus derrubou Sodoma e Gomorra, fostes com um tição arrancado do incêndio, mas não voltastes a mim!

Oráculo de lahweh.

Por isso, eu vou te tratar assim, Israel!
E, porque eu vou te tratar assim, Israel,
Prepara-te para encontrar o teu Deus.

BÍBLIA, A.T. Amós. Português. A Bíblia de Jerusalém. Cap. 4, vers. 10-12.

O enriquecimento de poucos, o luxo e as injustiças sociais também eram condenados pelos profetas que se acreditava falarem por Deus.



"Tirai da minha vista as vossas más ações!
Cessai de praticar o mal,
Aprendeis a fazer o bem!
Buscai o direito, corrigi o opressor!
Fazei justiça ao órfão, defendei a causa da viúva!"

BÍBLIA, A.T. Isaías. Português. A Bíblia de Jerusalém. Cap. 1, vers. 16-17.

Após o exílio babilônico, observa-se na religião hebraica uma tendência mais universalista, sobretudo no livro de Daniel. Nesse período, acentuaram-se as crenças messiânicas, ou seja, que um Messias libertaria o povo de Israel. Muitos acreditaram que Jesus foi este Messias, outros, ainda o esperam.

Na questão da vida depois da morte, por um longo tempo, os judeus acreditaram que os mortos viviam no Sheol,

uma espécie de "Vale das Sombras". Os conceitos gregos de corpo e alma e a crença persa na ressurreição dos mortos deram aos israelitas uma nova concepção sobre o além.

Em síntese: podemos afirmar que o legado da civilização hebraica está muito presente até os dias de hoje. Basta dizer que duas das grandes religiões monoteístas (cristianismo e islamismo) foram profundamente influenciadas pelo judaísmo. Basta lembrar que os Dez Mandamentos, recebidos por Moisés no Monte Sinai, constituem a base da moral cristã.

OS FENÍCIOS

A região habitada pelos fenícios era uma estreita e comprida faixa de terra, espremida entre o Mar Mediterrâneo e as montanhas do Líbano.

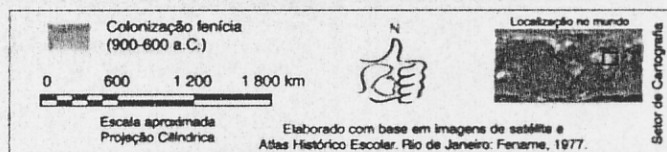
Os fenícios eram semitas; porém, ao longo da história, miscigenaram-se largamente com os povos da região.

As poucas terras existentes na Antiga Fenícia eram de boa qualidade. Nas pequenas planícies, cultivavam cereais, legumes e linho. Abundavam as árvores frutíferas, como figueiras, oliveiras, videiras e sicômoros. Nas montanhas do Líbano, era possível encontrar cedros, carvalhos e noqueiras.

Mais de vinte cidades compunham a Fenícia. Destacaram-se: Ugarit, Biblos (também chamada de Gebal), Sídon e Tiro. Estas cidades eram independentes umas das outras e seus regimes políticos variaram. Biblos esteve muito tempo sob hegemonia egípcia; Ugarit tornou-se um porto cosmopolita; Sídon foi dominada por egípcios, persas e gregos. A cidade de Tiro teve boas relações com Israel (Hirão I ajudou Salomão a construir o Templo de Jerusalém); mais tarde, os tírios acabaram subordinando-se a babilônicos e persas. Alexandre da Macedônia, depois de um cerco de sete meses, arrasou a cidade.

A indústria (não no sentido moderno) era próspera: os fenícios produziam vidros, metais e tecidos. O emprego da púrpura (extraída de um molusco) dava aos tecidos fenícios um grande destaque.

Os fenícios se destacaram como hábeis navegadores e bem-sucedidos comerciantes. Observe no mapa que os fenícios fundaram um grande número de colônias.



O LEGADO FENÍCIO

A religião fenícia era politeísta e as práticas religiosas visavam a obter dos deuses sucesso nesta vida. Nas artes, os fenícios assimilaram influências diversas, com produções de pouca originalidade.

A grande contribuição dos fenícios foi a simplificação da escrita. Como comerciantes, precisavam fazer anotações rápidas, daí a vulgarização da arte de escrever.

O alfabeto fenício deu origem ao alfabeto grego, siríaco, árabe e ao alfabeto que estamos usando neste material, que é o latino.

A HISTÓRIA PERSA

A Antiga Pérsia corresponde, mais ou menos, ao atual Irã. Região situada entre a Mesopotâmia e o Rio Indo, é um grande planalto, entremeado por depressões e montanhas. O clima é seco com temperaturas extremadas, ora quente, ora fria.

Habitavam o Planalto do Irã os **elamitas**, de origem asiânica, os **medos** e **persas**, de origem indo-européia, além de povos diversos.

Os elamitas chegaram a fundar um império até serem dominados por assírios e babilônicos.

Por volta do século VII a.C., os medos unificaram a região. **Ciaxes**, rei da Média, aliou-se a **Nabopolassar** da Babilônia e destruiu o Império Assírio, isto em 612 a.C. O filho de Ciaxes, **Astiages**, não tinha a mesma capacidade do pai e acabou sendo derrotado por **Ciro** que, até então, era um vassalo dos medos.

Ciro pertencia ao clã dos Aquemênidas, da tribo persa dos Pasárgadas. Brilhante militar, conquistou um vasto Império, que se expandiu no reinado de seu filho **Cambises** (530-522 a.C.) e consolidou-se, atingindo o apogeu no reinado de **Dario I** (521-486 a.C.). A tolerância em relação aos vencidos, a capacidade administrativa e a força militar fizeram do Império Persa o precursor do Império Romano.

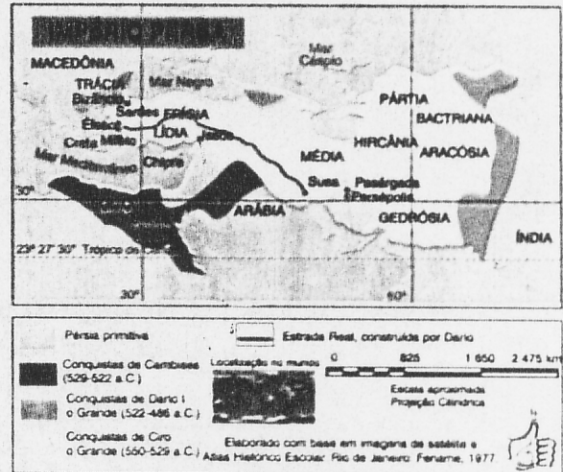
Dario dividiu o Império em províncias denominadas **satrapias**. Para melhor controlar os sátrapas, seus agentes chamados "os olhos e ouvidos do rei" percorriam o Império, colocando-o a par de tudo o que acontecia. Construiu estradas, organizou um sistema de correios, construiu palácios e implantou uma moeda: o **darico**.

A partir do reinado de **Xerxes** (485-464 a.C.), o Império Persa entrou em declínio até ser conquistado por Alexandre da Macedônia em 330 a.C. Com a morte de Alexandre, as áreas urbanas da Pérsia permaneceram sob o governo dos **selêucidas**; nesse período, acelerou-se o processo de fusão da cultura grega com a iraniana.

Arsaces I (248-212 a.C.) fundou na região o *reino dos partas*, enfrentando os selêucidas e depois os romanos. Culturalmente, a influência helênica continuou forte.

No século III da Era Cristã, **Ardashir I** fundou a dinastia sassânida e organizou o Novo Império Persa. **Shapur II**, que governou por um longo período (309-379), tornou o zoroas-

trismo a religião oficial; porém, foi tolerante com os adeptos de outros credos religiosos. Os sassânidas lutaram contra os romanos, os bizantinos e, finalmente, sucumbiram diante dos árabes que haviam se convertido ao islamismo. Daquela época (651) até hoje, no Irã, a intolerância religiosa tem predominado.



O Império Persa

A CIVILIZAÇÃO PERSA

O Império Persa da época de Dario I utilizava os idiomas persa e elamita escritos em caracteres cuneiformes. O aramaico tornou-se a língua predominante não só da Pérsia, mas também de todo o Antigo Oriente Médio, tanto que era o idioma falado por Jesus de Nazaré, que vivia na Palestina.

Os antigos persas a princípio eram **politeístas**, adorando as forças da natureza, como, por exemplo, o Sol, que era chamado de **Mitra**. Mais tarde, **Zoroastro** (Zaratustra), que teria vivido entre 628 e 551 a.C., concebeu uma religião, tendo **Ahura Mazda** como sendo o Senhor da Sabedoria. Segundo Zoroastro, existe o bem e o mal, sendo o ser humano livre para fazer a sua opção. Após um período de doze mil anos, o bem triunfaria sobre o mal (chamado de **Ahriman**). O fim do mundo seria marcado pela vinda de um **Messias**. Os mortos **ressuscitariam** e seriam julgados, sendo os bons recompensados e os maus castigados. Os ensinamentos de Zoroastro estão contidos num livro chamado **Avesta**.

Durante o Império Sassânida, viveu no Irã um nobre chamado **Mani** que teria recebido de Deus a incumbência de pregar uma religião universal para todos os povos e para todas as classes sociais. Para Mani (daí vem **maniqueísmo**), o espírito é bom e o corpo é mau. Havia os **Eleitos**, ou seja, os sacerdotes celibatários, que não comiam carne e que deveriam levar uma vida com alto padrão moral e ético. Os **Ouvintes** eram as pessoas comuns que aspiravam um dia a se tornarem Eleitos. Os maniqueístas tiveram muita influência: **Santo Agostinho**, por exemplo, antes de se tornar cristão foi adepto da doutrina de Mani. Durante a Idade Média, a heresia dos **albigenses** teve muitos traços do maniqueísmo. Quanto a Mani, foi executado por ordem de Vahram II (276-293) e seus discípulos tiveram de fugir da Pérsia.